

CAPÍTULO 20

CATIVEIRO DOS EGÍPCIOS E DOS ETÍOPES.

1 No ano em que Tartan entrou em Azot, depois de o ter enviado Sargon, rei dos assírios, e pelejado contra Azot, e havendo-a já tomado: (1)

2 Naquele tempo falou o Senhor por mão de Isaías, filho de Amós, dizendo: Vai, desata de teus lombos o saco, e tira o próprio calçado dos teus pés. E fê-lo assim indo nu, e descalço. (2)

3 E disse o Senhor: Assim como meu servo Isaías andou nu, e descalço, para ser um sinal e um prognóstico de três anos sobre o Egito, e sobre a Etiópia,

4 assim levará diante de si o rei dos assírios o cativo do Egito e a transmigração da Etiópia, de moços e velhos, nus, descalços e descompostos para ignomínia do Egito.

(1) **NO ANO EM QUE TARTAN** — Calmet julga que Tartan não é nome próprio de homem, mas apelativo de officio, que elle tivesse e exercesse na corte de Sargon.

AZOT — Uma das cinco cidades dos filisteus.

SARGON — Foi o fundador da última dinastia que reinou em Nínive. Sucedeu a Salmanasar em 722, acabou o cerco de Samaria, cuja queda arruinou por completo o reino de Israel. Em 720, tinha batido o rei do Egito e a Etiópia Schabak, que veio muito tarde em socorro dos israelitas, mas que ao menos queria salvar Hamon, rei de Gaza, seu aliado. Foi porém vencido pelo exército assírio, e teve de se fazer reconhecer tributário a Sargon. A campanha contra Azot teve lugar em 711. Sargon morreu seis anos depois, em 705, deixando o reino da Assíria a seu filho Senaquerib.

(2) **POR MÃO** — Hebraísmo, por por meio de, servindo Isaías de intermediário.

NU — Segundo o *usus loquendi*, não quer designar a nudez completa, mas sim o hábito ligeiro; no caso presente indica que estava despojado do manto do luto que o cobria e descalço.

5 E temerão os israelitas, e se envergonharão de ter pôsto a sua esperança na Etiópia e a sua glória no Egito.

6 E dirá o habitador desta ilha naquele dia: Eis-aqui tendes qual era a nossa esperança, a que homens recorremos nós implorando socorro, para nos livrarem da violência do rei dos assírios: E como poderemos nós escapar? (3)

CAPÍTULO 21

RUÍNA DE BABILÔNIA. NOITE QUE AMEAÇA A IDUMÉIA.
DESGRAÇAS QUE ESTÃO PARA CAIR SOBRE A ARÁBIA.

1 Desgraça do deserto do mar. Como vêm os tuões da parte do África, assim a assolação vem do deserto, de uma terra horrível. (1)

(3) **ILHA** — O termo original significa região afastada, longínqua e próxima do mar. Refere-se o texto aos habitantes das regiões marítimas da Palestina.

(1) **DESERTO DO MAR** — E' a profecia contra Babilônia. O seu título é um pouco enigmático, pois chama a Babilônia o deserto do mar. Cabe-lhe na verdade o epíteto, já por causa da sua posição perto do Eufrates, e dos lagos existentes no seu deserto, já, como diz S. Jerônimo, pela situação a que um dia devia ser reduzida. E' sabido que atingiu um elevado desenvolvimento, tornando-se no tempo de Nabucodonosor a primeira cidade do mundo. Já na decadência, ofuscado o brilho da sua glória, ainda assim assombrou os gregos. Ctesias, *De rebus Assyriorum*, 10 edit. Didot, p. 23. Na vida de Isafas, foi cercada por três vezes; em 710 por Sargon, em 703 e 691 por seu filho Senaquerib. Mas o cerco que anuncia esta profecia, e a devastação que se lhe seguiu, são posteriores, cumprindo-se esta predição muitos anos depois da morte de Isafas, quando Ciro se tornou senhor desta famosa cidade. Os pormenores que nos transmitiu a história antiga sobre a tomada de Babilônia por este príncipe estão em perfeito acôrdo com o que se lê neste capítulo de Isafas. Cfr. Heródoto II, 191. Xenofonte,